

GEOGRAFIAS: LEITURAS DO MUNDO, ESCRITAS DA TERRA

Danielle Gregole Colucci¹

RESUMO

Uma leitura do mundo. Uma tentativa de escrita da Terra. Essas são as intenções deste texto. Refletir sobre a ciência geográfica e construir mais uma escrita, entre tantas geografias existentes. Para isso, foram traçados caminhos que percorrem leituras diversas, reflexões e experiências. Neste sentido, falaremos sobre a invenção da ciência moderna, sobre legados primordiais da geografia científica e acerca de textos acadêmicos e geográficos. A proposição é de que a geografia se pretenda despretensiva e a favor de tantas outras geografias, para além da científica.

Palavras-chave: Ciência moderna. Ciência geográfica. Globalização. Cultura do capital. Geografias existenciais.

1 INTRODUÇÃO: CONTEXTOS GEOGRÁFICOS, LEITURAS DO MUNDO

Desejo de ser ciência. Esse entranhou o fazer e o pensar geográficos desde seus primórdios (HISSA, 2002). Não é uma vontade isolada, nem irrelevante. Possui sentido e explicação. O conhecimento científico teve, desde sua fabricação inicial, a intenção de ser a leitura absoluta do mundo, o saber por excelência da modernidade (SANTOS, B., 2006). Portanto, para que a geografia fosse (e ainda seja) considerada verdade, conhecimento do real, importava reconhecer-se e ser reconhecida como ciência moderna.

Autores como Boaventura Santos (2003, 2006) e Milton Santos (2001) formulam severas críticas acerca do discurso científico — sendo ele prática que implica também em práticas sociais variadas — construído e legitimado paulatinamente desde o século XV. Movimento inacabado e que mantém fortes prevalências. Milton Santos (2001) fala de uma tendência a um pensamento único, ancorado na infalibilidade científica, base das técnicas hegemônicas dos dias atuais. Tais técnicas sustentam nossa sociedade e toda sua lógica de mercado, amplamente voltada para a acumulação e impulsionada pelo modo de produção e reprodução capitalista (HARVEY, 1993,

¹ Professora Ms. do Núcleo de Geografia do Centro Pedagógico da Escola de Educação Básica e Profissional da UFMG. danicolucci@yahoo.com.br

2006). Lógica de mercado transformada em cultura do capital: modo de vida arraigado nos jeitos de pensar e fazer dos sujeitos do mundo. Mundo contemporâneo, moderno, feito da ideia de progresso e desenvolvimento (BERMAN, 2007).

O que denominamos aqui por cultura do capital tem a intenção de apresentar a ideia de que o modo de produção capitalista, para que aconteça, precisa adentrar o modo de vida das pessoas, ou seja, necessita ser incorporado nas práticas e teorias que se dão no âmbito da produção e reprodução da existência. A cultura, nesse sentido, representa comportamentos, gestos, valores, ideias, pensamentos, hábitos, técnicas e etc. adquiridos pelos sujeitos do mundo e pelos grupamentos aos quais pertencem, através de heranças geracionais. Ela acontece na simplicidade do cotidiano, nos lugares onde as pessoas experienciam suas vidas (CLAVALL, 2007; CARLOS, 2007; FREIRE; FAUNDEZ, 1985).

Assim, atualmente talvez possamos falar desta cultura do capital, difundida como modo de vida para os diversos lugares do mundo. Incorporada no fazer, pensar, sentir da maior parte da população mundial. Cultura dos sujeitos do mundo, que têm como base a unicidade das opções de produção e reprodução da vida, das ideias, do conhecimento, das informações, das técnicas etc. Cultura que tenta reduzir a vida à lógica do capital: feita da valorização exacerbada de mercadorias, do lucro, da acumulação, da exploração do trabalho, do culto aos objetos, da coisificação humana, de relações de dominação entre as pessoas e delas com o próprio mundo.

Este pensamento único — cultura mundializada — ancorado pela ciência moderna, acaba por legitimar ou justificar quaisquer ações que venham a ser tomadas a favor da acumulação de riquezas, lucros e ganhos (BERMAN, 2007), pois estes se apresentam como desejos únicos também, frente à crença que se cultiva na onipotência do conhecimento científico e na impossibilidade de outros fazeres, de outros modos de vida. Obviamente, tal generalização não deve desconsiderar a existência de outras culturas que se diferenciam da cultura do capital. Nem mesmo podemos desconsiderar o quão são importantes. O que acreditamos é que estas, atualmente, são resistências frente à difusão da lógica do mercado para a maior parte dos lugares do mundo.

Milton Santos (2001) não fala em globalização, mas em globalitarismo. Por outro lado, ele também não deixa de considerar a relação dinâmica entre o local e o global. Cada lugar recebe o que é externo, novo, de maneira diferente (SANTOS, M., 2008). Entretanto, tais movimentos de entrelaçamento apenas reforçam a ideia de uma cultura do capital, dominante,

que adentra os lugares e que, na maioria das vezes, tenta levar consigo sua unicidade invariante. Modelo global que se apropria das especificidades culturais dos lugares quando essas, de alguma maneira, atendem a seus interesses.

Os ideais desta cultura do capital, em grande medida, são sustentados a partir do discurso científico tomado como verdadeiro e absoluto. Sendo assim, a ciência subtrai e é subtraída. Reduz e é reduzida (SANTOS, M., 2001). Subtrai porque se coloca como única leitura do mundo válida. Porque desvaloriza e desconsidera todos e quaisquer outros (tantos) saberes (SANTOS, B., 2003).

Despida de se reconhecer apenas como mais uma das muitas leituras do mundo (FREIRE, 2002; PASSOS, 2008), a ciência se coloca em um patamar superior do ato de conhecer, servindo, inclusive, para justificar as verdades e a primazia da lógica do mercado. Por outro lado e ironicamente, ela mesma é transformada em mercadoria e reduzida à cultura do capital — produtivista, utilitarista; conhecimento subtraído. Este pensamento e prática totalitários que abarcam amplos setores da vida acabam “[...] invadindo o próprio mundo da pesquisa e do ensino universitários, mediante um cerco às idéias cada vez menos dissimulado.” (SANTOS, M., 2001, p. 54).

Ciência geográfica: uma leitura do mundo, uma escrita da Terra com pretensões de ser verdade, rigorosa, infalível. Redutora e reduzida. Assim foi construída e em muitos casos ainda prevalece. Talvez não pudesse ser diferente; já que esse foi seu desejo desde seus primórdios, esse é o seu legado. Não raras as vezes serviu à cultura do capital. Utilitarismo denunciado por tantos outros geógrafos como Lacoste (2002), Soja (1993), Santos (2001, 2002). Geografia autoritária, hegemônica. Com pretensões de ciência moderna. Valorização de pesquisas empíricas, de lógicas matemáticas e desprezo pelas reflexões teóricas. Nesse caso, conhecer significa quantificar — dividir, classificar, analisar, coletar dados.

Talvez seja interessante reconhecer que a geografia acadêmica é apenas mais uma das diversas possibilidades de geografia. Em geral, é aquela hegemônica, muitas vezes rendida às vontades dominantes — tanto das grandes corporações de mercado quanto das políticas estatais (SANTOS, M., 2001; LACOSTE, 2002). Talvez seja importante pensar outras geografias, outras leituras do mundo para além da ciência moderna.

Há geografias existenciais, que se dão nos espaços vividos, nos lugares do mundo experienciados por seus sujeitos (SANTOS, M., 1996). Leituras do mundo feitas de contextos

histórico-geográficos. Invisíveis — porque nem sempre se consegue percebê-las — ou invisibilizadas — segundo interesses políticos. Geografias não grafadas. Às vezes, até mesmo proibidas de ser: desconsideradas pela pretensão hegemônica — ciência que decide quem faz ou não geografia, o que é ou não, o que pode ou não. Cerco às ideias. Cientificismo que só reconhece a validade de um saber quando dele pode se apropriar e que cultiva o poder de colocar quaisquer saberes geográficos sob seu jugo e avaliação. Que tantas vezes transforma mulheres e homens em objetos de estudo (LACOSTE, 2002), mesmo após tantos anos da crítica.

O conhecimento científico é apenas mais uma das várias leituras do mundo. Para que a leitura científica do mundo se tornasse paulatinamente hegemônica, outras leituras do mundo foram desvalorizadas, não merecendo reconhecimento: não possuindo verdades, rigores ou objetividades (SANTOS, B., 2003, 2006). Com a ciência geográfica (um dos inúmeros recortes científicoepistemológicos) isso não foi diferente.

2 TEXTOS GEOGRÁFICOS, ESCRITAS DA TERRA

É importante salientar que tal posição de supremacia do conhecimento científico se dá a partir de uma série de símbolos de *status* que a sustentam. Além do já referido discurso de sua infalibilidade, racionalidade e objetividade, a própria linguagem acadêmica, hermética e seguidora das normas linguísticas ditas padrão, funciona como um dos mecanismos de segregação e distanciamento social. Não se produz um texto acadêmico que não esteja adequado à gramática também hegemônica. Não é ciência, e nem geografia acadêmica, o que se fala ou escreve minimamente distante da norma denominada culta.

Além disto, os termos técnicos e específicos de cada área encerram o entendimento acerca de seus significados para a maioria das pessoas e, inclusive, fecham os limites disciplinares impedindo e dificultando o contato até mesmo entre os sujeitos das diversas segmentações científicoepistemológicas (HISSA, 2002). A solidão da ciência acontece a partir de dois flancos: externamente e internamente.

O pertencimento ou não a um determinado grupamento social está intimamente relacionado com o domínio ou não de sua linguagem típica (SOARES, 1986). Assim, uma pessoa apenas pode ser considerada cientista se domina o dialeto padrão (obviamente, entre outros protocolos não menos importantes como a formação superior, mestrado, doutorado etc.). O

dialeto considerado padrão é a língua hegemônica de um país. Um conhecimento, para que também seja considerado dominante, deverá utilizar, seguramente, tal dialeto.

As diferentes maneiras de se falar e de se escrever, mesmo que minimamente distantes do dialeto padrão, são altamente desvalorizadas, consideradas erradas, incultas. Contudo, do ponto de vista sociolinguístico, tal classificação não faz sentido algum, já que a função primeira de qualquer linguagem é a comunicação. A partir do momento que as pessoas conseguem se comunicar, dialogar, se compreender, cumpriu-se satisfatoriamente a função comunicativa da língua. A padronização desta acontece quando se tem a intenção de estabelecer o domínio cultural de um dialeto sobre os outros; de alguns sujeitos, pertencentes a determinados grupamentos sociais, sobre outros.

Desta maneira, podemos dizer que os textos acadêmicos (e aí se inserem os geográficos) carregam em si traços culturais hegemônicos — específicos e herméticos — que precisam se fechar para se resguardar, para se reproduzir continuamente. A cultura do capital está intimamente associada à desvalorização do outro.

Sendo assim, podemos dizer que tanto o conteúdo quanto a forma dos textos acadêmicos são resultado de toda uma estrutura de dominação, que pode ser percebida no mundo globalitarista que Milton Santos (2001) pronunciou. E é exatamente por esse motivo que os textos geográficos muitas vezes são redutores e reduzidos. O cerco acontece não apenas nas ideias, nos seus conteúdos, mas também em sua forma, em sua linguagem, em seus suportes. O contexto contemporâneo acopla-se aos textos da ciência geográfica.

A leitura do mundo antecede a leitura da palavra (FREIRE, 1991). Independentemente de uma pessoa saber ou não ler e escrever, dominar ou não o dialeto padrão, ela possui sua leitura do mundo, intimamente associada a suas experiências existenciais junto ao lugar onde vive (KLEIN, 2008). Assim, grafar o mundo segundo uma norma padrão, é um privilégio daqueles que aprenderam a dominar os códigos gráficos hegemônicos estabelecidos socialmente. Entretanto, leituras do mundo são feitas da experienciação dos lugares. E, nem sempre, as geografias existenciais são tão pobres, pouco rigorosas, ignorantes ou inverossímeis como a ciência gosta tanto de difundir e fazer crer. Toda leitura do mundo possui potencialidades e limitações. As grafias acadêmicas da Terra são feitas de segregações e de limites epistemológicos diversos. Mas também possuem forças, como todo ato de conhecer.

Existem geografias além dos muros da universidade que também têm um potencial gnosiológico gigantesco, independentemente da linguagem que utilizam, de suas origens ou dos conteúdos e formas que podem assumir. Invisibilizá-las, julgá-las ou menosprezá-las apenas funciona como mais uma das maneiras de manter este mundo perverso, imbricado por relações de dominação.

Outro ponto importante que diz respeito às limitações da ciência tem que ver com a criação dos seus territórios disciplinares. Paulatinamente, a ciência foi se fragmentando. Com isso, fragmentou o seu mundo sob leitura. Reforçou limites epistemológicos. Fez surgir especializações (HISSA, 2002, 2008). O conhecimento científico inventou distâncias internas, cada especialidade dentro do seu hermetismo textual, pouco ou nada dialógico.

A geografia acadêmica, já um recorte científico, também se segmentou, criando tantas outras especialidades internas — herméticas, fechadas. Com suas grafias da Terra, textos científico-geográficos por excelência, manteve-se duplamente distante de possíveis diálogos: com as geografias existenciais e com as suas próprias especialidades (HISSA, 2009). Um texto feito apenas a partir de si mesmo, que nega tantas outras leituras do mundo como legítimas, que se especializou a ponto de perder a noção do todo, que não raramente se esvaziou de crítica e criatividade. Não há valorização da imaginação, da integração, da totalidade (ainda que o discurso geográfico, historicamente, seja esse). Um texto preso a uma estrutura que valoriza a segregação, a fragmentação. Conhecimento encerrado em si e comumente nos interesses políticos de manutenção da cultura do capital.

3 TEXTOS E CONTEXTOS: POSSÍVEIS APROXIMAÇÕES

Leituras do mundo podem ser compreendidas como decodificações de contextos histórico-geográficos. Como leituras do espaço vivido (PEREZ, 2001), dos lugares existenciais. Leituras de lugares que hoje se aproximam porque mundializados (SANTOS, 2008). Assim, os sujeitos dos lugares, cotidianamente, elaboram suas compreensões do mundo experienciado. Mundo não raramente confuso, fragmentado, feito de opacidades.

Hoje a percepção das pessoas acerca dos seus contextos acaba atingida pela fragmentação do conhecimento, juntamente com a abundância de informações. Essas últimas, além de amparadas, diversas vezes, pelas verdades científicas professadas, estão centralizadas em poucas

agências midiáticas. Nesse sentido, apesar de abundantes, a sua origem e, consequentemente, seu conteúdo, acabam cooperando com a lógica da unicidade propagada pela cultura do capital, que conta os contextos histórico-geográficos como fábulas (SANTOS, 2001).

Além disso, há carência quanto a lugares e momentos de encontros, onde as pessoas possam dialogar e aprender sobre o mundo umas com as outras (FREIRE, 2002). Onde os sujeitos dos lugares possam transformar meras informações e conhecimentos fragmentados em saber elaborado reflexivamente e feito da relação de uns com os outros, mediados pelo mundo. As leituras do mundo contemporâneo, frequentemente, são imbricadas e solitárias.

Para Freire (1991) texto e contexto são indissociáveis. Para tanto, “a compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto” (FREIRE, 1991, p. 12). Por isso grafias da Terra e leituras do mundo são inseparáveis. O que propomos neste ensaio é que os textos podem ser considerados como escritas da Terra, ou seja, leituras do mundo grafadas. Já os contextos são constituídos pelos lugares do mundo experienciados por seus sujeitos. As leituras do mundo são constituídas nestes lugares vividos. São geografias existenciais elaboradas pelas pessoas em seus contextos.

Por isto, quando falamos em leituras, é fundamental levar em consideração o texto e o contexto do autor e do leitor. O autor, quando escreve o seu texto, grava a sua leitura do mundo a partir do seu contexto histórico-geográfico. O leitor, quando decodifica os escritos do autor, acaba acoplando o seu contexto, a sua leitura do mundo, à do escritor. Para compreender a natureza profunda de um texto, o leitor deve levar em consideração o contexto em que o autor o redigiu. Por outro lado, a leitura também é leitura do mundo a partir do próprio contexto do leitor. Por isso, toda leitura é reescrita, é construção de um texto pessoal sobre e em conjunto com o texto lido (FREIRE, 1991) — ou pelo menos assim deveria ser.

O problema é que em um contexto onde se tem a intenção de passar um único discurso como válido, desqualificando qualquer outro, as fronteiras para uma leitura crítica de qualquer texto ou contexto ficam muito restritas. É como se houvesse apenas um contexto verdadeiro, válido e, desta maneira, uma única forma de se perceber os conteúdos de um texto, somente uma leitura do mundo. Se há apenas uma forma de se perceber o mundo, pode-se dizer que não há margens para a criatividade, para diferentes leituras do mundo e escritas da Terra. Se não há criatividade, não há leitura crítica, pois “crítica e criatividade são partes integradas, articuladas e indissociáveis de um mesmo processo [...]” (HISSA, 2002, p. 125).

Lacoste (2002) e Freire & Faundez (1985) parecem concordar quando discorrem sobre como os acadêmicos escrevem seus textos. Esses são grafados a partir da leitura dos pesquisadores sobre o contexto de outras pessoas e, em geral, são feitos a partir de suas próprias observações (análises), sem levar em conta os sujeitos dos lugares, transformados em objeto de estudo (LACOSTE, 2002). Os textos não são escritos com as comunidades. Não se procura trabalhar em conjunto, fazer ao mesmo tempo. Isso reflete a posição de superioridade que a leitura científica do mundo tem. Ela acredita no distanciamento do seu objeto de estudo para compreendê-lo e desvaloriza a proximidade entre os sujeitos pesquisadores e pesquisados. Mais uma vez percebe-se o empobrecimento científico, principalmente quando tratamos de um campo como a geografia, que leva em conta (ou pelo menos deveria levar) as dinâmicas socioespaciais e suas construções histórico-geográficas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: GEOGRAFIAS, NO PLURAL

Cada pessoa possui sua leitura do mundo. À geografia caberia uma codificação da Terra? Uma escrita do mundo? Se há uma escrita da Terra, isso significa que há uma leitura a se fazer, ou melhor, uma grafia complexa e dinâmica a se compreender. À geografia também caberia a função de decodificar a Terra? Para Carmem Perez (2001) a leitura do mundo concebida por Freire, do ponto de vista da geografia, é a leitura do espaço. Se existe uma escrita da Terra há de se ter também uma leitura desta escrita. E como se daria esta dinâmica da geografia científica (que não pode ser concebida como a forma de leitura única e superior) e a compreensão do mundo, de forma a promover um diálogo crítico e criativo que auxilie o entendimento do próprio mundo?

Aqui, longe da intenção de formatar respostas e soluções, ressaltamos alguns pontos sobre o processo epistemológico que acreditamos importantes para avançar nas reflexões e dúvidas levantadas. Primeiramente, para que se conheça algo, ou seja, o seu objeto de curiosidade, é importante que o sujeito curioso esteja em contato com este objeto, de forma que o mundo seja o mediador desse processo.

Outro ponto interessante de reflexão tem que ver com o processo de busca deste saber, que deveria se iniciar a partir da problematização do mundo, do questionamento acerca dele. Sendo assim, a realização de uma pedagogia (geografia?) da pergunta (FREIRE; FAUNDEZ,

1985) valoriza — ao contrário de quando se dá ênfase nas respostas — os processos criativos. A pergunta é curiosa, inquieta. A resposta é adaptativa, não criativa. Em um mundo perverso, que intenciona uma verdade única, não cabem as perguntas, não cabem os questionamentos, e sim, a adaptação.

Desta maneira, como a geografia poderia cooperar com uma compreensão crítica do mundo, do espaço? Refletindo sobre as leituras do mundo como leituras do espaço, podemos arriscar dizer que o diálogo entre as diversas leituras do mundo talvez seja a solução da produção dos textos geográficos (e acadêmicos como um todo). Independente de ser uma leitura pessoal ou não, em linguagens variadas, de formas e conteúdos distintos. O conhecimento está no mundo e ninguém pode esgotá-lo sozinho. As ideias precisam dialogar entre si para que se possam travar múltiplas relações entre elas, para que os olhares diversos possam se entrecruzar, se enriquecendo cada vez mais.

O que procuramos fazer quando iniciamos a escrita deste texto foi dialogar com diversas leituras do mundo: aquelas que trazemos conosco, surgidas das experiências vivenciais; as de Milton Santos; as de Yves Lacoste; as de Marcia Resende; as de Boaventura de Souza Santos; as de Paulo Freire. E isso produz uma releitura, porque feita de curiosidade e questionamentos. E porque não dialogar com outras linguagens que não a acadêmica? Por que não tentar entender o mundo e, ao mesmo tempo, apaixonar-se por ele? Ou pela busca? Assim, a paixão seria não apenas pelo mundo em busca, mas pelo próprio ato curioso de buscar o mundo (FREIRE; FAUNDEZ, 1985). Portanto, o ato de conhecer é muito mais complexo do que se imagina. Ele exige curiosidade, respeito às diversas formas e conteúdos de saberes precedentes, além do gosto pelo que se faz. Conhecer sem gostar, sem querer, sem se apaixonar, talvez seja o mesmo que codificar o indecifrável. O desejo curioso leva ao prazer da descoberta, permeado pela paixão do processo de busca.

Outro tema importante tem que ver com o próprio método, em geral entendido como único e invariável, funcionando hermeticamente a favor da busca da verdade científica. O interessante seria pensar em métodos, no plural. Estes precisariam ser permanentemente criados e recriados, isso porque o mundo em si exige tal maleabilidade, porque suas leituras exigem tratamentos diferenciados, porque o próprio mundo é diverso, assim como seus sujeitos. A criatividade pode se concretizar na criação mesma do método, ou seja, de outros caminhos

possíveis. Dessa maneira, também o conteúdo e a forma do texto geográfico ampliam suas potencialidades de serem diferentes.

Fernando Hernandez e Montserrat Ventura (1998) nos falam da necessidade de se aprender a utilizar estratégias e metodologias que auxiliem o estabelecimento de novas relações entre os saberes. Isso porque, para eles, as informações também são maneiras de se perceber o mundo diferentemente e de nele se posicionar intencionalmente. Nesse sentido, conseguir organizar e relacionar tais visões (ou leituras de mundo) é algo primordial à sua compreensão. Lacoste (2002) também discorre sobre algo nesse sentido. Ele acredita que muitas informações, de importância ímpar, funcionam como uma forma de mascaramento das relações entre as estruturas de poder e a organização espacial. Isso porque encontram-se de forma difusa para a maioria da população. Para relacioná-las gera-se uma necessidade de se “...dispor de um método que permita organizar uma massa confusa de informações parciais...” (LACOSTE, 2002, p. 51).

Milton Santos (2001) chega a escrever sobre o quanto a informação hoje é totalitária e, apesar de abundante, se ancora principalmente pela mídia, centralizada em poucas agências. Isso contribui com a formatação do que ele denomina como globalitarismo e a confusão dos espíritos. As pessoas, além de estarem à mercê das estruturas globais de informações totalitárias, não conseguem compreender o mundo de forma clara. As informações também são formas de leituras do mundo, que procuram passar o sentido de uma certa realidade. Não são neutras, nem inofensivas. Leituras que influenciam outras leituras, imbricadas umas nas outras. Talvez a sua abundância (totalitária) tenha legado à humanidade uma incompreensão do mundo. Ao mesmo tempo, não raramente, a produção e reprodução de informações totalitárias procura respaldo científico para validar e legitimar a leitura do mundo que se pretende passar como verdadeira. Características próprias deste meio técnico-científico-informacional explicitado por Santos (2001).

Neste sentido, Boaventura Santos (2003) aponta a necessidade de novos pressupostos: ao invés da eternidade a história, ao invés do determinismo a imprevisibilidade, do mecanicismo a interpretação, a espontaneidade, a auto-organização, ao invés da ordem a desordem — o conhecimento é produzido também a partir da desordem — ao invés da necessidade a criatividade. Que implicações teriam tais questões para a produção do conhecimento nos dias atuais?

A música, as histórias em quadrinhos, os mapas, os diálogos diversos, as danças, os trabalhos, os cultos, as experiências existenciais etc. Tudo carrega consigo o potencial criador humano e este está sendo amplamente negado pelo fazer-pensar técnico-científico-informacional. E é por isso que o empobrecimento da ciência se torna tão nítido. Porque os saberes que carregam consigo o potencial criativo e transformador se estabelecem através do diálogo entre as diversas formas de leitura do mundo, invisibilizadas pela ciência moderna.

Por isto a importância de se conceber novos caminhos relacionais com estas leituras do mundo, para que se tornem saberes do mundo, reescritas da Terra. Aprender a buscá-las, relacioná-las, problematizá-las é primordial para que se faça uma geografia da compreensão, e não da confusão. Do questionamento, e não da resposta. Aprender a relacionar informações e conhecimentos científicos, junto com os saberes existenciais e com tantas outras formas de linguagens e geografias é um modo de se tentar compreender o mundo para transformá-lo. Para tanto, o ato curioso, questionador e apaixonado de se pensar e viver deve ser cultivado, porque talvez somente desta maneira se possa criar algo: novas formas de leituras para criar reescritas que favoreçam a invenção de um mundo diferente.

Talvez estejamos em um momento em que seja preciso ser despretensioso. Talvez necessitemos reconhecer que somos falíveis, que existem outras geografias que não as acadêmicas e que durante muito tempo temos cooperado com a difusão das verdades da cultura do capital. Colocar-nos em dúvida talvez seja um primeiro passo na construção de novos caminhos, de outras geografias possíveis.

GEOGRAPHIES: READING OF THE WORLD, WRITINGS OF THE EARTH

ABSTRACT

A reading of the world. A writing endeavor of the Earth. These are this work's intentions: To reflect upon geographical science and to construct yet another writing among so many existing geographies. Therefore, roads have been paved following diverse readings, reflections, and experiences. Thus, this work shall discuss the invention of modern science, the primordial legacies of scientific geography, and the academic and geographical texts. This work, therefore, proposes that geography puts itself as unpretentious and in support of so many other geographies beyond the scientific one.

Keywords: Modern science. Geographical science. Globalization. Capital culture. Existential geographies.

REFERÊNCIAS

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**; a aventura da modernidade. Tradução de Carlos Felipe Moisés, Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Labur edições, 2007. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dg/gesp/baixar/O_lugar_no_do_mundo.pdf>. Acesso em: 08 mai. 2009.

CLAVAL, Paul. **A Geografia cultural**. Tradução de Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. Florianópolis: Ed. UFSC, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 34. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 26. ed. São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1991.

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. **Por uma Pedagogia da pergunta**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1993.

_____. **A produção capitalista do espaço**. Tradução de Carlos Szlak. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2006.

HERNÁNDEZ, Fernando; VENTURA, Montserrat. **A organização do currículo por projetos de trabalho**; o conhecimento é um caleidoscópio. 5. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

HISSA, Cássio Eduardo Viana. **A mobilidade das fronteiras**; inserções da geografia na crise da modernidade. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

_____. Fronteiras da transdisciplinaridade moderna. In: ____ (org.). **Saberes Ambientais**: desafios para o conhecimento disciplinar. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008, p. 15-31.

_____. Territórios de diálogos possíveis. In: RIBEIRO, Maria T. F.; MILANI, Carlos R. S. (Org.). **Compreendendo a complexidade socioespacial contemporânea**: o território como categoria de diálogo interdisciplinar. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 36-84.

KLEIN, Remí. Ler/Leitura. In.: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José. (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p. 242-244.

LACOSTE, Yves. **A Geografia**: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra. Tradução de Maria Cecília França. 6. ed. São Paulo: Papirus, 2002.

PASSOS, Luiz Augusto. Leitura do mundo. In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José. (Org.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p. 240-242.

PEREZ, Carmen L.V. Leituras do mundo/Leituras do espaço: um diálogo entre Paulo Freire e Milton Santos. In: GARCIA, Regina L. (Org.). **Novos olhares sobre a alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2001, p. 101-122.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. 4. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

_____. **Um discurso sobre as ciências**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

SANTOS, Milton. Por uma geografia cidadã: por uma epistemologia da existência. **Boletim Gaúcho de Geografia**, AGB, Porto Alegre, n. 21, p. 7-14, ago. 1996.

_____. **Por uma outra globalização**; do pensamento único à consciência universal. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

_____. **Por uma Geografia nova:** da crítica da Geografia à Geografia crítica. São Paulo: EDUSP, 2002.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado:** fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia. 6. ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola;** uma perspectiva social. 3. ed. São Paulo: Ática, 1986.

SOJA, Edward W. **Geografias pós-modernas:** a reafirmação do espaço na teoria social. Tradução de Vera Ribeiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

Artigo recebido em 16/12/2014 e aprovado em 20/06/2015 para publicação.